Lusíada
Repositório das Universidades Lusíada

Universidades Lusíada

Bonifácio, Horácio Manuel Pereira, 1951-

O jardim barroco do Paço dos Bispos de Castelo Branco

http://hdl.handle.net/11067/465

Metadados

Data de Publicação 2013

Resumo Analisa-se um jardim da primeira metade do séc. XVIII, construído pelo bispo da Guarda D. João de Mendonça. O jardim fazia parte de uma quinta de recreio, com horta, bosque e olival. Constitui-se como um importante exemplar dum barroco erudito, ao nível da organização arquitectónica, bem como dos temas desenvolvidos, desde os religiosos, aos históricos. Todavia, o importante conjunto de peças escultóricas representadas, apresenta, características artísticas de feição mais vulgar. (Horácio Bonifá...

Palavras Chave Jardins - Portugal - Castelo Branco

Tipo article

Revisão de Pares Não

Coleções [ULL-FAA] RAL, n. 4 (1.º semestre 2013)

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-11-14T23:06:57Z com informação proveniente do Repositório

http://repositorio.ulusiada.pt

BONIFÁCIO, Horácio (2012). “O jardim barroco do Paço dos Bispos de Castelo Branco”. Revista Arquitectura Lusíada, N. 4 (1.º semestre 2012): p. 61-72. ISSN 1647-900

O JARDIM BARROCO DO PAÇO DOS BISPOS DE CASTELO BRANCO

Horácio Bonifácio

Resumo

Analisa-se um jardim da primeira metade do séc. XVIII, construído pelo bispo da Guarda D. João de Mendonça. O jardim fazia parte de uma quinta de recreio, com horta , bosque e olival. Constitui-se como um importante exemplar dum barroco erudito, ao nível da organização arquitectónica, bem como dos temas desenvolvidos, desde os religiosos, aos históricos. Todavia, o importante conjunto de peças escultóricas representadas, apresenta, características artísticas de feição mais vulgar.

Palavras-chave

Jardim; Barroco; Dinamismo; Emoção.

Abstract

A garden of the first half of the 18th century, built by Bishop of Guarda D. João de Mendonça. The garden was part of a recreational farm, with horta, Woods and olive groves. Is an important example of a erudite Baroque, at the level of architectural and thematic organization as well as the themes developed from the religious to the historic. However, the important set of sculptural pieces represented, rude artistic features.

Key-words

Garden; Baroque; Dynamism; Emotion.

O Barroco desenvolve-se como um movimento artístico particular na História da Arte e da Arquitectura, em que a diversidade de opções se constitui como uma das suas características marcantes. Arte total, a arquitectura do Barroco é capaz de relacionar a geometria com as artes decorativas, o espaço interior com o exterior, a cidade com o objecto arquitectónico, desde que o carácter dinâmico das manifestações artísticas provoque emoção no espectador e lhe apele aos sentidos.

Nesta perspectiva tem que se entender a importância dos jardins no Barroco, constituindo-se como espaços privilegiados entre a Arquitectura e o exterior, como palco onde se encenam espectáculos de poder, ou de diversão, numa inter-relação erudita e muitas vezes simbólica com a natureza A sua organização considera uma compartimentação e hierarquização espacial, aproveitando bem as próprias características mutáveis e orgânicas do mundo natural e ao mesmo tempo procurando uma dinâmica teatral e cenográfica, como se se tratasse de um palco onde se desenrolam espectáculos de diversão, de fantasia, de artifício, de exaltação e exacerbamento, de exagero e de poder.

No jardim barroco, a natureza é trabalhada e submetida às forças da geometria, da decoração ou dos elementos simbólicos, mas ao mesmo tempo adapta-se ao terreno, concilia-se com a sua topografia, a sua morfologia e os desníveis e diferentes cotas, os eixos,

alamedas, e a fundamental presença da água[1], consubstanciada em lagos, tanques, fontes ou cascatas, funcionando tudo como pretexto para uma dinâmica de carácter cenográfico.

O Jardim Barroco português não esquece normalmente as suas origens árabes que se conjugaram com muita facilidade com a horta ajardinada medieval. Isto ajuda a explicar, também, que, dum modo geral, não se utilizam no nosso país os esquemas geométricos rígidos formais e muito racionalizados dos jardins de inspiração francesa, mas existe uma maior aproximação à tipologia do sul da Europa, nomeadamente do Mediterrânio. Nesta zona geográfica o jardim é encarado preferencialmente enquanto espaço para passeio e lazer, numa relação mais íntima e mais livre com a natureza, ao invés do maior racionalismo formal dos exemplos setentrionais.

Situado na cidade de Castelo Branco, o jardim do Paço dos Bispos é exactamente um interessante exemplar nacional de um desses espaços exteriores de características barrocas.

A origem desta construção pode ser encontrada na existência, desde 1596, de um paço mandado construir por D. João de Noronha, destinado a moradia de férias dos bispos da Guarda, aproveitando o clima de Inverno mais ameno da cidade albicastrense. O prelado da Guarda comprou vários terrenos e casas para a realização desse primitivo Paço, do qual já não existem vestígios.

Depois da morte de D. João de Noronha, a propriedade passou por várias vicissitudes, e foi desmembrada, até que entre 1715 e 1725 , o bispo D. João de Mendonça mandou realizar novo Paço e executar os jardins segundo projecto de Valentim da Costa Castelo Branco[2]

O conjunto era constituído por uma quinta de recreio que incluía os jardins, uma horta ajardinada, um parque de caça, bosque, olival. A água era distribuída a partir de um grande tanque, abastecido pelas chuvas, de onde esta saía para a rega através de uma rede de canalizações que chegavam aos terraços inferiores.

O Jardim de forma sensivelmente rectangular é constituído por terraços intercomunicantes através de escadas. Actualmente, desde as obras dos anos sessenta do séc. XX, o acesso é feito por um recinto ligado à antiga rua da Corredoura. Este recinto é bordejado por laranjeiras e é constituído por sete canteiros de buxos e está separado do patamar superior por muros com painéis recentes de azulejos, com imagens da cidade, algumas reproduzidas do livro quinhentista de Duarte de Armas. O acesso ao patamar superior é feito por uma escadaria, no início da qual surgem quatro esculturas representando os anjos São Miguel, São Gabriel, São Rafael e Custódio.

[1] A importância da água é fundamental na cultura mediterrânica, quer para os povos árabes, como para os romanos. A água é fonte de vida, de prazer e de lazer.

[2] Valentim da Costa Castelo Branco, natural de Alpedrinha, era eng. Militar da província da Beira e é-lhe atribuído o chafariz barroco, denominado de D. João V, daquela localidade. Mais nada se conhece da sua actividade.

Fig. 1 - Vista geral do Jardim e do eixo principal Este - Oeste.

Fig. - 2 Vista geral e do eixo Norte - Sul.

O Terraço do patamar superior, de planta rectangular, apresenta várias eixos formando uma quadrícula, sendo dois mais largos, exactamente os que se cruzam no centro da composição através de um tanque de forma redonda de razoáveis dimensões. Um destes eixos expande-se desde a escadaria que vem do patamar inferior e termina no centro do muro que contorna o patamar seguinte superior, e o outro desenvolve-se desde a escadaria de acesso ao antigo paço e o muro de separação de um grande tanque rectangular, denominado das coroas.

Fig. 3 - Acesso ao Paço.

Em cada ângulo correspondente ao cruzamento de quatro das alamedas secundárias surgem também pequenos lagos de forma centralizada, intercalados por canteiros de buxos, uns de contorno quadrangular, outros com feição circular.

Este patamar, que corresponde à zona central de todo o conjunto, desenvolve um discurso iconográfico e um programa figurativo de valor simbólico, metafórico e alegórico, quase iniciático, ou pelo menos pedagógico, representativo da criação divina e dos seus significados, o que se adequa convenientemente a um espaço de carácter religioso, onde a presença de Deus criador não pode ser ignorada, devendo mesmo ser exaltada, ou até exagerada e teatralizada.

Assim se explica a presença de referências prioritárias, ás questões da espiritualidade cristã, consubstanciada normalmente na referência clara aos textos Sagrados, mas também ao mundo material e à História.

Todo o espaço se encontra pontuado por imagens esculpidas apoiadas em peanhas legendadas com representações que englobam as Virtudes Teologais e Cardeais, representadas com os seus atributos,[3] envolvendo o lago central, o que faz entender a estratégia da colocação destes elementos facilmente entendíveis pela religiosidade da época numa das zonas mais relevantes do jardim; o encontro dos dois eixos principais.

[3] Existem pedestais vazios, que poderiam estar ocupados originalmente por outras virtudes que não aparecem actualmente.

Fig. 4 - Escultura representando a Esperança.

Nas restantes zonas do espaço deste patamar confrontamo-nos com outras representações como os quatro elementos, as quatro estações do ano, exibidas com atributos relacionados directamente com as actividades agrícolas, ou da natureza, correspondentes a cada época do ano.

Fig. 5 - Representação do elemento Fogo.

Estão, ainda, representados os 12 Símbolos do Zodíaco, figurados por pequenos anjos com a datação de cada Signo em pequenas cartelas, as Artes e as Quatro Partes do Mundo; a Europa representada como uma mulher segurando um prato com frutos, um rolo de pergaminho e, aos pés, a cabeça de um touro; a Ásia, com um cinto de flechas e segurando um arco; a África ostentando um turbante e um bastão, tendo um leão aos seus pés; e a Índia como uma figura feminina coroada por uma espécie de coroa de flores e segurando uma taça.

Fig. 6 - Gémeos, um dos Signos do Zodíaco.

Fig. 7 - Um dos Continentes: África.

Finalmente aquilo que se pode considerar como os quatro Novíssimos do homem, uma temática extremamente cara no tempo do Barroco,[4] isto é a Morte na forma de um esqueleto, o Juízo Final, o Paraíso e o Inferno.

Fig. 8 - Representação do Paraíso.

No lado esquerdo deste corpo central do jardim, e sensivelmente à mesma cota, desenvolve-se o designado Lago das Coroas de planta rectangular ocupado por três repuxos coroados por golfinhos entrelaçados, rematados por coroas.

Ao lado deste lago, com buxos separadores, aparece, o Jardim Alagado, constituído por um tanque em forma de trapézio, contendo dentro de água canteiros de perfil curvo e com um repuxo central.

4 Os novíssimos são os últimos fins do homem. A morte, o Juízo, que corresponde ao julgamento no tribunal de Deus e o castigo, o Inferno, ou o prémio, o Céu.

Fig. 9 - Jardim Alagado.

Nas extremidades do Lago das Coroas, surgem duas escadas, a Este, a dos Reis portugueses, que conduz a um terraço superior, e, a Oeste, a dos Apóstolos.

Fig. 10 - Vista geral das escadarias dos Apóstolos e dos Reis.

A escadaria real, é uma narrativa de carácter histórico, simbolizando naturalmente o Mundo Nacional, do poder representado pelos reis portugueses, estabelecendo uma dialéctica entre a história portuguesa e a da cristandade simbolizada na escadaria oposta dos Apóstolos. Desde o fundador da nacionalidade, o Conde D. Henrique, situado no centro do patamar superior, sucedem-se por ordem cronológica ao longo das guardas que enquadram as escadas os monarcas portugueses das três primeiras dinastias[5].

Fig. 11 - D. Joao II e, ao lado um dos Filipes.

É, talvez um dos momentos mais interessantes das esculturas representadas neste jardim, não só porque são das poucas em que existe alguma diferenciação fisionómica entre as figuras, como parece clara uma atitude política conveniente na época, fazendo sobressair as figuras dos reis após a Restauração, D. João IV, D. Pedro II, D. João V, D. José, e até D. Sebastião, colocadas em maior destaque, não só pela sua localização no patamar sobre o Jardim central que liga com a escadaria dos Apóstolos, mas pela própria aparente imponência que a sua colocação a um nível mais elevado e de frente para o Jardim, induz no observador. Em contrapartida os Filipes e o Cardeal D. Henrique surgem no seu local cronológico, mas tratados sem qualquer destaque, representados com uma dimensão muito menor que todos os outros.[6]

[5] Junto dos monarcas surge, também a representação da rainha Santa Isabel, mulher de D. Dinis. Tratando-se de uma figura que foi santificada, é provável que a sua presença se relacione com o facto de estarmos numa estrutura relacionada com a Igreja, o jardim do Paço dos bispos.

[6] A posição de inferioridade dos reis castelhanos é perfeitamente compreensível ainda no séc. XVIII, quando não tinha sido esquecida a presença estrangeira no nosso país. Menos compreensível é a diminuição de importância do cardeal D. Henrique, principalmente enquanto o seu sobrinho D. Sebastião que tinha sido o maior responsável da perca da independência está junto dos monarcas da Restauração. Todavia, o mito do Sebastianismo esteve sempre ligado indelevelmente à Restauração e numa época carregada de valores simbólicos e patrióticos como era o Barroco, parece ser mais entendível o relevo dado à sua figura e à sua relação com o restabelecimento da independência. Para um homen culto como o bispo D. João de Mendonça este conhecimento histórico seria natural

Fig. 12 - Escadaria dos Apóstolos.

Oposta à escadaria dos Reis, a dos Apóstolos apresenta , no topo, as figuras dos quatro Evangelistas, segurando um livro e com os seus símbolos: São João, São Marcos, São Lucas e São Mateus. Nos restantes lances da escadaria, surgem os Apóstolos: num dos lados, São Paulo, Santo André, São Mateus, Judas, São Matias e São Tomé e no lado oposto, São Pedro, São Bartolomeu, São Tiago Menor, São Simão, São Filipe e São Tiago Maior.

Fig. 13 - Lago e cascata de Moisés.

No último patamar desenvolve-se um grande lago de profundidade significativa, ladeado por balaustrada, onde se encontra no topo Oeste a Cascata de Moisés, em forma de escada para onde jorra a água que enche o tanque, enquadrada por duas imagens, representando Santa Ana e a Samaritana. Ao cimo de toda a representação surge a figura de Moisés, o que fez brotar água da rocha, segurando as tábuas da Lei. Do lado Nascente, desenvolve-se um balcão com balaustres que funcionava como miradouro.[7]

O Jardim dos bispos de Castelo Branco fazia parte daquilo que podemos considerar uma Quinta de Recreio, constituída por um conjunto organizado que incluía água, a mata, jardim de recreio, horto, pomar, e várias construções, e define-se como um lugar variado e dinâmico, de funções duplas, formais e práticas, com significados complementares e conjugadas, onde recreio, bucolismo, contemplação e elementos simbólicos se misturam e interligam.

O Jardim é uma espécie de alegoria do mundo criado por Deus, confrontando as suas diversas criações, num discurso simbólico, alegórico e metafórico.

Espaço barroco, os diferentes elementos que o constituem relatam histórias sagradas e também profanas, num discurso visual de imagens que dialogam dinamicamente e que criam cenários lúdicos e sensoriais, mas simultaneamente pedagógicos, com uma estrutura narrativa relacionada com a intervenção divina, pela fé e pelos valores éticos da religião, que o usufruidor só pode aceitar e considerar como verdadeira e indiscutível.

Jardim para ser percorrido, mas também contemplado, os diversos elementos que o constituem; a estatuária, a vegetação, a água, as cores , os cheiros e a luz, contribuem para toda uma diversidade de sensações e de emoções, em que praticamente todos os sentidos são despertos, como é imprescindível nos tempos do Barroco.

O Jardim de Castelo Branco é um jardim Barroco, particularmente na sua organização, com espaços interligados e complementares, quase sempre articulados de modo dinâmico, desenvolvendo uma arquitectura em que a axialidade regular, não só marca e define percursos, como cria uma certa racionalidade geométrica, com dois eixos principais, um deles ligado directamente à escadaria que dá acesso ao Paço[8]. Este cuidado em relacionar o objecto arquitectónico com o espaço exterior, em interligar o edifício com o espaço ajardinado, é evidentemente uma preocupação barroca de carácter erudito. É como uma continuidade através de eixos rectilíneos que estendem o edifício para o exterior e que garantem o prolongamento simbólico do poder representado pela construção arquitectónica.

A utilização dos temas utilizados no jardim, e a articulação entre os seus significados, a sua iconologia e a importância da sua iconografia, o carácter quase iniciático, os programas representados de feição religiosa, histórica, ou natural, revelam a natureza erudita deste conjunto e do seu promotor.[9]

Do mesmo modo, apesar da estatuária apresentada demonstrar uma qualidade pouco relevante e as peças de granito de um modo geral[10], serem muito estereotipadas e até um tanto rudes, o jardim vive fundamentalmente da qualidade da ideia arquitectónica, que embora não

[7] Refira-se, ainda que no lado oposto da via pública, que dá acesso actualmente ao Jardim, se desenvolve um parque, no local onde se situava a Quinta, constituído por um recinto, de planta rectangular e curvo num dos lados. Possui vários canteiros relvados, onde se inserem várias árvores , com dois grandes canteiros centrais cada um com um lago com repuxo.

[8] Nesta escadaria que dá acesso ao Paço surgem as figuras dos doutores da Igreja (S. Agostinho, S. Ambrósio, S. Jerónimo e S. Gregório) e, também a representação do busto de S. Leão.

[9] O bispo D. João de Mendonça era uma figura de cultura sólida, como prova a importante biblioteca que possuía no seu Paço. Por outro lado, a viagem que empreendeu a Roma, no momento em que o Jardim está a ser construído, deve ter influenciado algumas das opções desta obra.

[10] E o facto do material utilizado, o granito, não ser muito fácil de trabalhar, também não é uma questão que se deva ignorar.

muito complexa e exuberante, traduz de um modo pouco usual em Portugal preocupações de inter-relação entre objectos arquitectónicos e espaços exteriores.

Créditos Fotográficos.
Figuras 1 a 13 , Fotos do autor

BIBLIOGRAFIA

BENJAMIM, Mário Alexandre Garcia Monteiro - A poética e a simbólica do espaço: o jardim do antigo Paço Episcopal de Castelo Branco. Lisboa: [s.n], 1999. - 126 f. Dissertação de mestrado em Teoria da Arquitectura, Universidade Lusíada de Lisboa.

Carapinha. Aurora da Conceição Parreira, Da essência do jardim português, Évora: [s.n.], 1995.

Carita, Helder, Tratado da Grandeza dos Jardins em Portugal, s.l.,1990.

SILVA, Joaquim Augusto Porfírio da, Memorial Cronológico e Descritivo da Cidade de Castelo Branco, Lisboa, 1853.

Silva, Pedro Rego da, Jardim do Paço - novos contributos para o estudo dos recreios episcopais de Castelo Branco, Castelo Branco, 2001.

HORÁCIO MANUEL PEREIRA BONIFÁCIO

Nasceu em 1951. É Licenciado em História, pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e Doutorado em Arquitectura (especialidade História da Arquitectura), pela Faculdade de Arquitectura da UTL, com uma dissertação sobre os arquitectos portugueses da 1º metade do séc. XVIII.

Foi docente da Faculdade de Arquitectura de Lisboa desde 1978, até 2001.

Desde 1993 é Professor Catedrático, da área de História, no Departamento de Arquitectura da Universidade Lusíada em Lisboa.

Tem participado em diversos Congressos e reuniões científicas em Portugal e no estrangeiro.

Tem vários trabalhos publicados na área da História da Arquitectura, portuguesa dos séc. XVI, XVII e XVIII.

Desempenhou funções de gestão na Faculdade de Arquitectura e é actualmente Director da Faculdade de Arquitectura e Artes da Universidade Lusíada de Lisboa.